

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANE KELLY DA SILVA PEREIRA
MARCELA CÔRTEZ SALGUEIRO DOS SANTOS

AS MICROAGRESSÕES A PESSOAS LGBTQ+ NA MÍDIA E SEU IMPACTO NA
SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS LGBTQ+

BRASÍLIA

2021

**ANE KELLY DA SILVA PEREIRA
MARCELA CÔRTEZ SALGUEIRO DOS SANTOS**

**AS MICROAGRESSÕES A PESSOAS LGBTQ+ NA MÍDIA E SEU IMPACTO NA
SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS LGBTQ+**

Relatório final de pesquisa de Iniciação
Científica apresentado à Assessoria de
Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Lucas Alves Amaral

BRASÍLIA

2021

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar e analisar os diferentes tipos de microagressões LGBTQ+ em filmes e séries de grande alcance, bem como analisar o impacto das mesmas à saúde mental de pessoas LGBTQ+ que assistem a esses conteúdos. Em termos teóricos, a pesquisa ancorou-se nas bases da Psicologia Cultural, especialmente, na literatura internacional sobre microagressões, microinvalidações, microinsultos e microataques e fez ponte com as interfaces entre Psicologia e Ciências Sociais no debate sobre as interrelações entre sexo, gênero e sexualidade, a população LGBTQ+ e sua saúde mental. A pesquisa, de tipo qualitativa, propõe-se a realizar uma análise cultural de cenas significativas das séries *Glee* e *Friends*, e do filme “Se Beber Não Case 2”, bem como realizou entrevistas semiestruturadas com estudantes universitários LGBTQ+ abordando seus sentimentos em relação às cenas escolhidas e similares e discutindo os possíveis efeitos de microagressões na saúde mental de pessoas LGBTQIA+. Como resultados da pesquisa, construiu-se duas categorias: as percepções dos tipos de microagressões vivenciadas pela comunidade LGBTQ+; e os efeitos subjetivos e estratégias adotadas pela comunidade LGBTQ+ diante das microagressões percebidas em programas televisivos. As repercussões psicológicas das microagressões deixam marcas significativas nas vítimas por serem veladas, apresentarem barreiras à reação das vítimas e, muitas vezes, utilizarem-se do humor como forma de mascarar o preconceito. Associações a hiperssexualização e patologização de cultura e valores LGBTQ+ são constantes na vivência dos entrevistados, que apontam buscar sua estratégia de consumo de séries e filmes que tendem a não naturalizar tais associações, tal como ocorre com os materiais analisados. Enfatiza-se com a pesquisa a importância de um olhar atento para o fenômeno do sofrimento psíquico derivado da reprodução de microagressões a LGBTQ+ na mídia, que reproduz e naturaliza a sua incidência no cotidiano dessas pessoas.

Palavras-chave: microagressões; LGBTQ+; mídia; psicologia cultural.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3	MÉTODO	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICES	41
	ANEXOS	44

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, estima-se que a população passe aproximadamente três horas e meia na internet diariamente, o que o torna o segundo país com o maior tempo de uso na internet e em redes sociais do mundo. No país, a média de contas em sites sociais por pessoa é de 9,4, superando a média global de 0,5 (GLOBAL DIGITAL YEARBOOK, 2019). Tratando-se somente da plataforma Netflix¹, o Brasil é o terceiro maior consumidor mundial da empresa (FUTURESOURCE, 2019).

A mídia - seja televisa ou acessada pela internet - é, atualmente, “o principal instrumento de difusão das visões de mundo (...), o local em que estão expostas as diversas representações do mundo social associadas aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade” (MIGUEL, 2002: 163). Segundo Morigi (2004), os sentidos produzidos pela mídia são incorporados pelas pessoas em suas visões de mundo. Assim, embora cada sujeito seja autônomo para filtrar e interpretar a realidade que recepciona nas mídias em geral, a reprodução repetitiva de informações e o enquadramento dado a elas contribuem para construção da visão de mundo da população em geral.

Dito isso, as representações na mídia sobre grupos minoritários podem ser, e muitas vezes são, equivocadas e disseminam uma série de microagressões sobre tais grupos, contribuindo para a difusão de uma representação distorcida sobre os grupos minoritários por parte da população em geral. Microagressões são, em síntese, ações e representações comuns e breves, podendo ser verbais, comportamentais ou ambientais, intencionais ou não, traduzidas em insultos hostis, depreciativos ou negativos, direcionados a membros de grupos marginalizados, incluindo a comunidade LGBTQ+ (NADAL, 2014). Devido a estudos realizados sobre o tema, é sabido que microagressões possuem impactos significativos na vida de grupos sistematicamente segregados.

Pesquisas apontam que microagressões contra pessoas LGBTQ+ são associadas à incidência de depressão e à vitimização do público-alvo, além de serem correlacionadas negativamente com aceitação social dessas pessoas dentro de campi universitários (Woodford et al, 2015). Tais pesquisas também evidenciam que discriminações contra

¹ Plataforma de Streaming Californiana provedora de mídias como filmes, séries, desenhos animados, documentários e etc.

estudantes LGBTQ+ podem aumentar o desempenho negativo nos estudos e o aumento de situações de vulnerabilidade individual e social. Além disso, as microagressões, em particular, também estão independentemente associadas a altos níveis de estresse, ansiedade e baixa autoestima da população de que delas são vítimas (Seelman et al, 2016).

No Brasil, observa-se uma certa difusão de representações preconceituosas e alguns tabus sobre a presença e visibilidade da população LGBTQ+. Mendes (2017) nos mostra alguns personagens LGBTQ+ que surgiram na mídia brasileira: o primeiro personagem, que teve sua aparição inicial em 1995, na novela *Explode Coração*, foi a travesti Sarita. Em *Torre de Babel* (1997), o casal lésbico Rafaela e Leila morreu em uma explosão de um shopping por não agradar ao público. Em 2003, outro casal lésbico surgiu na novela *Mulheres Apaixonadas*. O primeiro beijo gay na história das telenovelas brasileiras ocorreu entre dois homens na novela *Amor à Vida*, somente em 2013.

Devido a essas informações, este estudo buscou compreender a presença de microagressões contra a comunidade LGBTQ+ em séries e filmes de grande apelo público e seus efeitos subjetivos na saúde mental de estudantes universitários de Brasília (DF) que se identificam como LGBTQ+. Mais especificamente, objetivou (a) identificar e analisar os diferentes tipos de microagressões LGBTQ+ presentes nas mídias escolhidas; e (b) Analisar o impacto de microagressões em séries e filmes na saúde mental de pessoas LGBTQ+.

Para isso, a pesquisa contou com uma análise cultural das séries *Glee*, *Friends* e do filme “*Se Beber Não Case 2*”, além da realização de entrevistas semiestruturadas com estudantes universitários LGBTQ+, abordando seus sentimentos em relação às cenas escolhidas e similares e discutindo os possíveis efeitos de microagressões na saúde mental dos entrevistados.

Este estudo se justifica devido à escassez de literatura brasileira sobre microagressões às pessoas LGBTQ+ presentes na mídia, afirmação que se comprova pelo resultado de pesquisa bibliográfica prévia realizada nas bases das revistas acadêmicas LILACS e Scielo. Além disso, os estudos sobre o tema, em língua inglesa, carecem de análise sobre as relações entre as aparições midiáticas de microagressões à população LGBTQ+ e os impactos na saúde mental dessa comunidade.

Mundialmente, existe uma literatura abrangente sobre temas abordados nessa pesquisa: sobre o tema de representações LGBTQ+ na mídia, podemos citar, no Brasil, o artigo de Vasconcelos et.al (2016) “Identidades em TRANS(ito): análise das personagens transexuais e drag queen em campanhas publicitárias”; a nível internacional, temos o artigo “Sexual Orientation Microaggressions: Processes and Coping Mechanisms for Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals” de Nadal, Wong, Issa, Meterko, Leon & amp pode ser utilizado para se falar sobre microagressões contra a orientação sexual de indivíduos. Wideman (2015), por exemplo, traz a relação entre microagressões contra a comunidade LGBTQ+ e saúde mental, enquanto o trabalho de Woodford, Chonody, Kulick, Brennan, & Renn (2015) “The LGBQ microaggressions on campus scale: A scale development and validation study” fala sobre microagressões contra estudantes LGBQ em campus universitários.

Todavia, não encontramos registro nacional ou internacional - em língua inglesa - de pesquisas focadas especificamente em microagressões contra a comunidade LGBTQ+ apresentadas na mídia e seus efeitos em estudantes universitários que se identifiquem com a comunidade. Assim, justificamos a importância desta pesquisa considerando as possíveis contribuições para uma maior visibilidade sobre o tema. Além de ser uma fonte de validação de experiências da comunidade LGBTQ+, a pesquisa também poderá servir como fonte de informação futura para pessoas fora da comunidade, e profissionais da saúde e do meio midiático.

Além disso, essa importância se justifica ao olharmos os números alarmantes de violência contra a comunidade LGBTQ+ e os dados referentes à saúde mental de indivíduos que fazem parte desse grupo socialmente marginalizado. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), no Brasil, a cada 19 horas uma pessoa LGBTQ+ é assassinada ou se suicida vítima de “LGBTfobia”, o que faz do Brasil o campeão mundial desse tipo de crime. Em 2017, foram registradas 445 mortes por homofobia, das quais 194 pessoas se identificavam como gays, 191 como trans, 43 como lésbicas e 5 como bissexuais. Também foram incluídos 12 heterossexuais que tentaram defender alguma pessoa gay ou lésbica quando ameaçados de morte, por estarem em espaços predominantemente gays ou serem amantes de travestis. (SOUTO, in O GLOBO, 17/01/2018, Acesso em: 13/03/2020). Apesar de não existir atualmente dados sobre o mesmo tipo de crime em 2021, mais de 2500 denúncias foram feitas contra

homofobia em espaços online desde Janeiro deste ano, número que subiu significativamente durante a pandemia (Jornal Nacional, in G1, 17/06/2021. Acesso em: 30/07/2021).

Além dos danos físicos, a LGBTfobia também causa danos emocionais e mentais. Há uma quantidade significativa de estudos realizados sobre o impacto na saúde mental de indivíduos LGBTQ+ que sofrem microagressões, como os trazidos na introdução do presente trabalho. A pesquisa, ao optar por um método qualitativo, que foca em uma maneira detalhada de entender os fatos, colocou como prioridade as experiências de estudantes LGBTQ+, seus sentimentos e opiniões em relação a microagressões, representatividade na mídia e o impacto disso em sua saúde mental.

Desse modo, buscou-se escutar ativamente os indivíduos, para que eles mesmos nos ajudassem a contribuir com essa lacuna teórica-metodológica na produção das Ciências Sociais e Psicologia brasileira, partindo do ponto de vista de pessoas afetadas pelos problemas da falta de representação ou de uma representação errônea da comunidade LGBTQ+ nos meios midiáticos.

2 **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

1. **Sexo, Gênero e Sexualidade**

A esfera acadêmica se apropria da distinção entre sexo, gênero e sexualidade há algum tempo, com a distinção entre sexo e gênero sendo observada desde a década de 70. Porém, socialmente, esses três elementos ainda são confundidos. Em *Sex and Gender*, Deaux (1985) define "sexo" como uma categoria de base biológica masculina e feminina, e "gênero" como características psicológicas frequentemente associadas aos estados biológicos sexuais dos sujeitos. Ou seja, o sexo diz respeito a causas biológicas da corporalidade dos sujeitos e o gênero envolve a cultura e a socialização na construção dos sujeitos.

Judith Butler (1999) ampliando o debate de Deaux (1985), argumenta que tanto o gênero quanto o sexo são construções sociais, uma vez que os símbolos utilizados pela nossa sociedade para definir e delimitar esses conceitos são desafiados pela vivência de pessoas que fogem à norma, seja por possuir uma genitália ambígua, uma contagem de hormônios fora do

padrão, por se identificarem com um gênero diferente do atribuído ao nascer, etc. Portanto, além da relação sexo/gênero não ser de causa e efeito, o gênero pode ser fluido, como podemos observar em pessoas trans, termo guarda-chuva para identidades que não são compatíveis com o sexo da pessoa, incluindo indivíduos *genderfluid*, não binários, agêneros, transexuais, etc.

Para Butler (1999), o gênero é um constructo histórico-cultural operacional, que se cristaliza diferentemente em cada sociedade. Desta forma, o gênero se configura como um instrumento de poder, pois ele não somente atravessa as pessoas, mas também seus desejos, seu modo de ser e o modo como terceiros a interpretam. Trata-se, acima de tudo, de um quadro regulador coletivo. Isso conecta-se com o argumento de Foucault (1975) de que a esfera de poder regente dita as normas e os tipos de perguntas que podem ser feitas; neste caso, as esferas de poder estariam associadas às ideias conservadoras socialmente construídas como o binarismo de gênero, sendo essas disseminadas culturalmente.

Atualmente, em escala social ampla, o gênero tem sido visto como uma regulação restrita, dentro de um quadrante binário, com o objetivo de normatizar e minimizar diferentes formas de expressão. Essa regulação feita pelo Estado e pela sociedade sustenta o conjunto de regras e enunciados sociais que definem o “correto”, vindo da estrutura de poder vigente no local geográfico, histórico, político e social que nos encontramos.

Devido a essa regulação feita pelo Estado e pela sociedade, a identidade de gênero acaba sendo considerada como algo que fazemos, algo dinâmico, e não como algo que somos, estático (Salih, 2016, p. 66/67). Butler (1999) propõe que o gênero seja visto como uma performance, e que esse existe antes mesmo de ser performatizado, pela expectativa da essência desse elemento. Dessa forma, gênero não é algo natural, mas algo que aprendemos e treinamos até que pareça natural (xiv). Essa performatividade é envolvida pelas esferas social, corporal, histórica, geográfica, etc., ou seja, o modo como atuamos o gênero não é fixo (xxiv).

Um ponto importante a ser trazido é que a diferenciação entre sexo e gênero, ou uma definição tão limitada dessas categorias não é algo que sempre existiu. Na verdade, essa visão binária e dicotômica que temos hoje é relativamente recente. Até o século XVIII a teoria regente era a de que existiam dois gêneros, porém um único sexo, com as diferenças corporais aparentes sendo entendidas apenas como níveis diferentes desse mesmo sexo, havendo um esforço real para observar semelhanças ao invés de diferenças entre o corpo masculino e feminino (Zanello, 2018).

A esfera da sexualidade, por sua vez, tem uma história um pouco diferente quando comparada com gênero e sexo. Há registros de relações homoeróticas e homoafetivas no antigo Egito, China e Índia, além de relacionamentos homossexuais na Mesopotâmia a partir do terceiro milênio antes de Cristo (Bullough, 1979, p.2). Na Grécia antiga, além das festas Dionisíacas, que permitiam a embriaguez, expressões claras de sexualidade e orgias (Oliveira & Geraldo, 2016 p.61) também era encorajado que homens jovens tivessem relacionamentos homoeróticos com homens mais velhos, que os dominavam, para que pudessem atingir as qualidades viris necessárias da masculinidade (Zanello, 2018, p. 180).

Mas foi somente com a prática Cristã dos confessionários, segundo Foucault (1975), que a ideia de "sexualidade" se originou. Os confessionários eram locais que permitiam ao indivíduo uma análise de seus desejos e pensamentos sexuais como parte de um processo de autoconhecimento e purificação (Seidman, 2003, p. 30-31). A visão Cristã sobre sexualidade foi fortemente influenciada pelo Judaísmo, que prezava pelo celibato, onde o sexo seria restrito apenas para procriação, excluindo, assim, relações homossexuais (Hasbany, 1989 p.4). Com o crescimento no Mediterrâneo antigo do asceticismo, ou seja, a ideia de que o autocontrole e a autodisciplina são necessários para se alcançar a verdade absoluta ou o caminho de Deus, qualquer forma de relação sexual voltada ao prazer foi hostilizada, fazendo com que a aceitação da homossexualidade chegasse ao fim (Greenberg & Bystry, 1982 p. 520).

Em Portugal e em outras partes da Europa, entre os séculos XIII e XVIII, a sodomia, entendida como sexo sem o intuito de procriação, incluindo a realização de sexo anal ou oral

durante a atividade sexual, era considerada um crime grave, podendo ter como punição de multas e prisões até tortura, castração ou morte. Durante o processo de colonização de Portugal sobre o Brasil, a sodomia também foi criminalizada em nosso território, especificamente em se tratando de relações homossexuais, decisão essa muito influenciada pela Igreja (Vianna & Pretes, 2007).

Hoje em dia, sexualidade e gênero são um pouco mais entendidos e mais bem separados e expressados. Como dito anteriormente, de forma concisa, sexualidade é a identidade sexual de alguém, por quem a pessoa sente atração, enquanto gênero é uma forma de identidade e expressão baseada em normas sociais, que pode estar ou não alinhada com o gênero associado a ela em seu nascimento. Acolhendo as identidades não normativas, a sigla LGBTQ+ representa lésbicas, gays, bissexuais, trans, queers e todas as outras possíveis identidades de gênero e de atração romântica ou sexual.

2. Saúde e população LGBTQ+

Assim como gênero e sexualidade, a saúde mental também é socialmente construída; sua definição muda de acordo com a época, o local e a cultura em que está sendo discutida. Segundo Szasz (1977), há três conceitos principais que regem a definição de saúde e doença mental: os conceitos éticos, psicossociais e legais. No caso da psicossociologia, o foco é voltado ao indivíduo e sua mente, utilizando termos psicológicos para definir o que seria a norma em saúde mental. Os conceitos éticos servem para compararmos as ações e pensamentos de um indivíduo em relação ao que é socialmente aceitável, e, a partir daí, julgarmos o estado da pessoa. Finalmente, o conceito legal aparece, estabelecendo que pessoas consideradas 'normais' seguirem as leis, julgando o bem-estar mental do indivíduo na sua capacidade de agir de acordo com as leis socialmente construídas.

Se for entendido que a pessoa se desvia desse padrão, é então (idealmente) buscada assistência médica, presumindo que os médicos seriam pessoas objetivas e livres de julgamentos morais, que agem somente em prol do paciente. Porém, nenhuma ação humana consegue ser isenta da moralidade individual, e vários fatores podem afetar o tipo de cuidado

e diagnóstico de uma pessoa, como quem paga pela consulta, quem é o responsável legal do paciente, seu status socioeconômico, raça, gênero, sexualidade, etc (Szasz, 1997).

Dito isso, resta-nos discutir: como as pessoas que subverteram a normatividade do gênero e da sexualidade foram enquadrados em termos de sua saúde mental historicamente?

Historicamente, por muito tempo a homossexualidade foi considerada um crime no mundo ocidental. A medicina institucionalizou o saber sexual, dando origem à Sexologia e começando a estudar as doenças originárias de práticas sexuais que eram consideradas inadequadas. Como explica Foucault (1962), a homossexualidade começou a ser considerada uma anomalia sexual a partir da ligação com a loucura de um indivíduo incapaz de se adaptar a sociedade regente da época, no caso, a família burguesa europeia. A partir daí, a medicina, que era uma instituição de poder, passou a ditar - baseada em normas sociais e religiosas - quais aspectos da sexualidade humana seriam normais e quais seriam patologizados e o comportamento sexual dos indivíduos que fugiam a essas normas passou a ser objeto de estudo científico (Zanello, 2018). Devido à base nos saberes europeus, o Brasil se adequou com o higienismo do século XVIII, que tentava regular a intimidade e a vida amorosa dos indivíduos, alegando a preocupação com a prevenção de doenças e o bem-estar geral como motivo para tais ações (Ribeiro, 2010 p.10).

Amparando-se em estudos sobre a fisiologia da reprodução, as teorias médico-científicas sobre sexualidade insistiram em disseminar um 'não conhecimento', ou um conhecimento equivocado, baseando-se em "ilusões milenares", sem levar em consideração a própria vivência e existência de pessoas que teriam relacionamentos fora das normas sociais. O sexo, então, passou a ser visto a partir de uma dicotomia, podendo representar leis religiosas ou tabu, algo sagrado ou perverso, em que a verdade por trás do sexo deveria ser desvendada, sem que as instituições de poder – como a igreja e a medicina - levassem em conta as verdades subjetivas dos indivíduos (Foucault, 1976 p.58).

Existem diferentes teorias que tentam explicar a homossexualidade como sendo algo errado ou uma fase, utilizando-se da saúde. A teoria da Patologização parte do pressuposto

que a homossexualidade é uma doença ou transtorno, onde a presença de demonstrações de afeto ou comportamentos que se desviam da norma de gênero é vista como sintomática. Segundo essas teorias, esse 'defeito' poderia acontecer por diversos motivos, como uma exposição à diferentes hormônios no útero, uma mãe superprotetora, um pai ausente ou hostil, um abuso sexual, etc. As teorias da imaturidade são ligadas à psicanálise, que julga comportamentos homossexuais na infância como normais e um passo saudável para o desenvolvimento heterossexual adulto, mas que acredita que a homossexualidade deveria ser somente uma fase, já superada na adultez. Por fim, as teorias de variação à norma acreditam que a homossexualidade é algo que acontece naturalmente, em que os indivíduos já nascem dessa forma, sendo uma diferença natural, podendo ser vista como doença ou não (Drescher, 2015).

Tais visões de patologização da sexualidade tiveram efeitos duradouros na Medicina e também na Psicologia. Até 1980, a homossexualidade era compreendida como doença mental, estando no mesmo grupo que a zoofilia, a pedofilia e a necrofilia, tendo sido retirada do DSM pela APA – American Psychology Association - na terceira edição do Manual.

Em se tratando de pessoas trans e sua relação com a saúde, por sua vez, podemos observar o preconceito e a patologização no fato de que disparidades de gênero entraram no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua terceira edição -mesma edição em que houve a retirada da homossexualidade- (Zasshi, 2012), e foi somente em 2013, em sua mais recente edição que os diagnósticos de “travestismo fetichista” e “transtorno da identidade de gênero”, que incluíam travestis, drag queens, transformistas, transexuais e transgêneros foram excluídos do DSM, sendo substituídos pelo diagnóstico de ‘disforia de gênero’. (DSM IV, 1952; DSM V, 2013).

Todo este processo de associações das identidades LGBTQIA+ a patologia tem impactos no acesso à saúde e nos manejos médicos para com essas populações. Em especial, a relação entre indivíduos transexuais e a medicina é extremamente complexa. Travestis e Transexuais são a camada da comunidade LGBTQ+ que mais enfrenta dificuldades ao acessar serviços de saúde, não somente pelas demandas específicas dessa população, mas também pela

homofobia e transfobia que esse grupo sofre dos profissionais da saúde. Devido ao preconceito e ao estigma sofridos por pessoas trans em serviços como o SUS, foi necessária a criação do Ambulatório de Saúde Integral a Travestis e Transexuais, em São Paulo, no ano de 2009. (Mello, Perilo, Braz & Pedrosa, 2011).

Como traz Stryker (2006), o corpo transexual não é naturalmente produzido, mas sim o produto dos avanços da medicina e da ciência, um constructo tecnológico. Os médicos são capazes de criar um corpo com o aspecto natural para satisfazer esteticamente as vontades de seu paciente, o que implica em alterações muito além de físicas, mas emocionais e psicológicas. Há diversos modos de transições com acompanhamento médico, porém, não é necessário sofrer nenhuma alteração corporal para ser considerado trans, e não há um número certo de procedimentos, já que a transição é algo extremamente subjetiva, e cada indivíduo pode escolher o que parece ser o mais adequado para ele ou ela.

Para homens trans, as possíveis intervenções são: (i) terapia hormonal (ii) reconstrução torácica masculina, (iii) histerectomia – remoção dos órgãos internos reprodutivos femininos-, (iv) faloplastia - construção de um pênis utilizando enxertos de pele de outras partes do corpo- e (v) metoidioplastia, onde há o tratamento hormonal para o aumento do clitóris e uma intervenção cirúrgica para que tenha funções semelhantes a de um pênis (Planned Parenthood, s d.).

Já para mulheres trans, as intervenções são: (i) terapia hormonal, (ii) aumento dos seios, (iii) remoção dos testículos, (iv) depilação a laser, (v) redução do pomo-de-adão, (vi) cirurgia de feminização facial e (vii) vaginoplastia, procedimento cirúrgico para a criação de uma vagina a partir da inversão da pele peniana (Planned Parenthood, s d.).

No Brasil, graças à Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008 o SUS possui o processo ‘transexualizador’, que visa oferecer nacionalmente uma política para transexuais, onde esses indivíduos podem receber a devida atenção e cuidados (Mello, Perilo, Braz & Pedrosa, 2011), como avaliações psicológicas e psiquiátricas, hormonioterapia, cirurgia de redesignação sexual e todo o acompanhamento pré e pós-operatório (Viana, s.d.). Porém, por mais que a

política devesse ser oferecida em todo o âmbito nacional, os únicos hospitais que oferecem todos os serviços propostos são o Hospital das Clínicas de Porto Alegre, o HC da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, o HC da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, o HC da Universidade de São Paulo e o Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro (Vianna, s d.).

3. Mídia e MicroAgressões contra pessoas LGBTQ+

A nossa linguagem e como a utilizamos é um dos modos de navegarmos pelo mundo, e a escolha dos conceitos e palavras utilizados explicita a interpretação de cada um acerca da nossa realidade e do assunto discutido. Portanto, o modo como nos expressamos através da linguagem molda a nossa percepção de nós mesmos e do mundo. Nesse sentido, a mídia possui um papel muito importante, já que muitas das informações que retemos vem das TIC's – tecnologias de informação e comunicação -, e a linguagem utilizada nesses meios de comunicação e informação têm o poder de influenciar fortemente o modo como o consumidor dessas mídias interpreta e experiênciamos os acontecimentos ao seu redor (De Souza, 2003).

É possível fazer novamente uma ligação com Foucault (1975) e a relação entre poder e conhecimento. Como o autor explica, não é possível chegar a uma posição de poder sem que o indivíduo possua conhecimento, mas o conhecimento só é obtido por pessoas que já se encontram em uma posição de poder. Essa relação permite com que as grandes empresas de tecnologia e comunicação que são utilizadas pela população em geral não só possuem o conhecimento, mas também regulam a própria população, por terem a liberdade de escolher qual conhecimento irá ao público e como esse conhecimento será apresentado, o que possibilita uma alteração no modo como uma história é contada e uma maleabilização dos dados e informações. Além disso, chegar atualmente nessa posição de poder que já é ocupada pelas mesmas empresas há anos é um desafio, fazendo com que muitas vezes o discurso consumido pela sociedade seja conservador e arcaico, por ter sido - entre outras coisas - o

que possibilitou essas empresas chegarem ao topo. Assim, muitos receiam que, caso o discurso mude ao longo dos anos, essa posição privilegiada, quase impossível de ser alcançada atualmente do zero, possa ser retirada da empresa.

Tamanho poder dá à mídia a possibilidade de educar a população sobre problemas enfrentados pelas partes minoritárias de nossa sociedade, visto que, ao ser utilizada como uma grande fonte de conhecimento, pode dar destaque para pessoas que não são ouvidas no dia-a-dia. Porém, mais perigosamente, isso também permite que a mídia reproduza os preconceitos comuns da sociedade, validando-os de certa maneira. Um tipo de preconceito relativamente comum encontrado nas mídias, são as microagressões.

Como mencionado na introdução, microagressões são atos disfarçados, implícitos ou explícitos de lesionar alguém por sua nacionalidade, cor da pele, gênero, identificação sexual, etc, ou pelas suas interseccionalidades, e impactam o indivíduo fisiologicamente, cognitivamente, emocionalmente e comportamentalmente (SUE, 2010).

Shelton e Delgado-Romero (2011) e Nadal et. al (2011), criaram uma classificação de microagressões, separando-as em micro invalidações, micro insultos e micro ataques, o que possibilita identificar microagressões específicas contra a comunidade LGBTQ+.

Micro Invalidações representam a negação ou exclusão de pensamentos, sentimentos ou experiências de grupos sistematicamente segregados, que invalidam a sua realidade diária. Dentro das micro invalidações, é possível agrupar dois indicadores. A Negação do Heterossexismo Individual pode ser explicada como sendo a negação ou justificação do seu próprio preconceito, como se a pessoa fosse imune à homofobia. Já a Patologização da Cultura e Valores se dá pela assimilação da cultura heterossexual, seus valores e crenças como superiores e ideais (Sue, 2010).

Micro Insultos são ações verbais ou físicas, rudes e insensíveis, carregadas de propriedades humilhantes e insultuosas. Dos temas observados, apenas aquele denominado Terminologia Heterossexista se encaixa sob esse fator constituinte e pode se dar de forma claramente depreciativa – como ‘bicha’, ‘viado’, ‘traveco’- ou de forma mais sutil e usada

diariamente, como se referir a algo sendo 'gay' quando queremos dizer que é estranho ou idiota ou usar os termos 'parceira' e 'parceiro' ao invés de namorada ou esposa e namorado ou marido, ou até mesmo os termos 'escolha sexual', 'preferência sexual' ou "opção sexual", que dão a ideia de que a pessoa deliberadamente escolheu sua orientação sexual (Sue,2010).

Finalmente, microataques representam formas mais claras de discriminação, podendo se manifestar verbalmente ou comportamentalmente. Nos microataques, a pessoa pode estar consciente da discriminação, porém não tem o intuito de machucar o membro do grupo sistematicamente segregado. Os perpetradores de micro ataques requerem um grau de proteção presente em três condições: anonimato, segurança e controle. Dentro dessa categoria, podem ser incluídas 4 subcategorias: (i) a Hipersexualização, associação de sexo e promiscuidade com a comunidade LGBTQ+, incluindo a ideia de que gays e lésbicas se atraem sexualmente por crianças (Barrett & Logan, 2002), (ii) a Homofobia, termo usado incorretamente para se referir ao preconceito contra a comunidade LGBTQ+, mas que originalmente era utilizado para se referir ao medo (fobia) de homossexuais, associado ao medo de ser ou se tornar gay por influência (Herek, 2004; Weinberg, 1972), ou contrair alguma doença, como a AIDS, (iii) o Pecado, visão negativa de diferentes religiões em relação à comportamentos homossexuais e à comunidade LGBTQ+, acreditando que esses devem ser punidos, e por fim (vi) a Suposição de Anormalidade, podendo ser definida como o uso de palavras como 'doente' para se referir à membros desse grupo sistematicamente segregado, tratando a orientação sexual como uma patologia.

3 **MÉTODO**

A pesquisa realizada, de viés qualitativo, objetivou a "busca das relações dos significados" (TURATO, 2004, p. 25), que revelam muito sobre o fenômeno estudado, a saber, as percepções sobre microagressões à comunidade LGBTQ+ na mídia e seus impactos na saúde mental de universitários LGBTQ+ do Distrito Federal.

A estratégia metodológica adotada na presente pesquisa foi o estudo de caso. Considera-se o estudo de caso a estratégia mais adequada para geração de conceitos e hipóteses sobre processos complexos, bem como a abordagem que possibilita compreender holisticamente a relação entre um fenômeno social e seu contexto (YIN, 1984; ALMEIDA, 2016). O estudo de caso pode ser entendido como “uma investigação cuja finalidade é descrever e analisar acontecimentos, agentes e situações complexas com dimensões variáveis em interconexão” (ALMEIDA, 2016, p. 61), e o uso dessa estratégia se faz necessário para um recorte da população e dos fenômenos aos quais a pesquisa pode analisar.

Como critério definidor do estudo de caso realizado, temos a seleção de séries e filme que apresentam cenas microagressivas à população LGBTQ+ e o recrutamento de amostra por conveniência de participantes segundo os seguintes critérios básicos: (i) serem estudantes de universidades públicas e privadas do Distrito Federal; (ii) serem maiores de 18 anos; e, por fim, (iii) auto identificarem-se a partir de uma ou mais identidades LGBTQ+.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada de forma mais completa, optamos pela utilização de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de informações. Segundo Lima (2016), o objetivo da entrevista semiestruturada é “obter, recuperar e registrar experiências de vida guardadas na memória das pessoas” (Lima, 2016, p. 26) e o papel da equipe pesquisadora é estimular esses relatos de uma forma que não seja desconfortável para quem os conta. Foram construídas perguntas predefinidas como orientações para cada entrevista, porém haverá liberdade e flexibilidade de discurso entre entrevistador e entrevistado (Blee & Taylor, p. 92, 2002).

A vantagem desse instrumento é que o participante pode se sentir à vontade para compartilhar questões que talvez não quisesse expor em grupo, e garante à equipe pesquisadora a possibilidade de (re)direcionar a entrevista de acordo com os relatos e as trajetórias de cada pessoa, visando aprofundar temas que possam ser interessantes para a pesquisa.

Além do uso da entrevista semiestruturada, outro instrumento utilizado na coleta de informações foram as cenas midiáticas previamente selecionadas e transmitidas aos participantes durante a realização das entrevistas para que pudessem falar suas percepções das mesmas. No contato entre equipe pesquisadora e participantes da pesquisa durante a

realização das entrevistas foram apresentadas algumas cenas das mídias escolhidas para diálogo e interpretação dos entrevistados.

Para que isso ocorresse, primeiramente, foram mapeadas e selecionadas duas séries e um filme com grande apelo entre o público universitário. Após seleção das mídias, as cenas escolhidas foram analisadas e comparadas com diferentes tipos de microagressões, seguidas de uma explicação do motivo pelo qual cada cena se enquadraria nas categorias escolhidas. Como critério de análise das cenas de séries mostradas e como objeto de diálogo através de entrevistas semiestruturadas, realizou-se a análise cultural, tal como proposto por Freccero (2005). A análise cultural busca identificar, comparar e problematizar sentidos culturais em artefatos da cultura, tal como filmes, séries e textos literários. A análise de fenômenos culturais parece-nos adequada ao método empregado na pesquisa, levando-se em consideração as relações de poder existentes (Freccero, p.14, 2005), algo que se torna mister quando pensamos em microagressões. Possuir uma visão crítica sobre como microagressões atuam em cada cena é importante para entendermos o verdadeiro significado da cena e seus efeitos no grupo estudado.

Procedimentos

A pesquisa foi dividida em cinco etapas.

Para a realização da pesquisa foi necessário, na primeira etapa, a submissão e aprovação da mesma ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado pelos participantes e equipe pesquisadora, o qual contém os objetivos da pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação das participantes.

O TCLE (Apêndice A) é um documento importante, pois apesar do tipo de pesquisa proposto pelo projeto oferecer baixos riscos, é necessário que isso seja mencionado e esclarecido. Os riscos estão ligados à exposição, invasão de privacidade e estigmatização. As pesquisadoras agiram de maneira a evitar esses riscos e a respeitar as vontades e colocações dos participantes, deixando claro que a participação nas entrevistas era voluntária e que os participantes poderiam desistir da pesquisa quando desejassem. Além disso, a assinatura do

termo firmou o compromisso dos pesquisadores com os participantes da pesquisa, a fim de evitar condutas antiéticas.

Simultaneamente e posteriormente à submissão e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética do UniCEUB ocorreu, na segunda etapa, uma revisão da literatura nacional e internacional em Ciências Sociais e Psicologia sobre: (a) Sexo, gênero e sexualidade; (b) Estudos sobre a comunidade LGBTQ+; (c) Saúde mental; (c) Mídia e estudos sobre representações midiáticas e preconceitos, violências, etc; (d) Microagressões.

A partir dessas informações, foi possível, em uma terceira etapa da pesquisa, tomar dois passos fundamentais para o seguimento da pesquisa. O primeiro passo consistiu na procura e análise de cenas microagressivas advindas de filmes e séries televisivas. O critério de escolha das cenas envolveu a popularidade social e histórica da mídia escolhida, e a qualidade visual e auditiva disponível e pertinência da cena em relação ao tema da pesquisa. Após a seleção de cenas específicas e relevantes para a pesquisa, as cenas foram individualmente analisadas e comparadas com cada categoria previamente descrita de microagressões, seguidas de uma explicação do motivo pelo qual cada cena se enquadraria nas categorias escolhidas.

O segundo passo consistiu na construção de um roteiro de entrevistas semiestruturadas (Apêndice B). As perguntas para a entrevista semiestruturada foram divididas em quatro partes: (I) um questionário demográfico para a coleta das informações da identidade de cada participante, (II) perguntas antecedendo a apresentação dos vídeos para o melhor entendimento do conhecimento prévio da pessoa sobre as mídias apresentadas e sobre microagressões, (III) perguntas sobre os sentimentos e pensamentos do entrevistado após a visualização de cada vídeo e (VI) perguntas sobre as experiências de cada indivíduo com a representação da comunidade e de microagressões LGBTQ+ na mídia, feitas após a apresentação de todas as cenas.

Na quarta etapa, foi realizado o recrutamento dos participantes, bem como a coleta de informações por meio das entrevistas semiestruturadas. O recrutamento ocorreu por meio de amostra por conveniência, ou seja, a equipe pesquisadora teve acesso aos participantes

com o perfil previamente definido por meio das suas redes de relações sociais e profissionais. Buscou-se uma diversidade entre os participantes em termos de suas identidades no âmbito da sigla LGBTQ+, como é possível verificar na Tabela 1 (Anexo A²). Após realização de contato, explicitação dos objetivos da pesquisa e aceite por parte de cada participante para realização de entrevistas semiestruturadas, estas foram agendadas. Devido à impossibilidade de encontro presencial, em função das políticas de isolamento social diante da pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas por videochamadas.

Na quinta etapa da pesquisa, ocorreu a análise das informações. Foi realizada a transcrição de cada uma das entrevistas, seguida de um processo de conferência de fidedignidade das informações resultantes das entrevistas. As entrevistas transcritas foram codificadas a partir de categorias definidas pelas pesquisadoras, de forma a possibilitar a identificação de práticas, atitudes e narrativas compartilhadas e diferenciadas entre os entrevistados.

O conjunto de informações obtidas foi organizado, enfim, em eixos temáticos, conforme o método de análise de conteúdo temática (GOMES, 1994). Assim, após a transcrição das entrevistas, foram identificados os trechos mais expressivos das mesmas de acordo com os eixos temáticos. A partir da organização e classificação desses trechos, foram construídas categorias analíticas temáticas delineadas com base nos objetivos gerais e específicos que delimitaram o escopo da pesquisa, bem como com base no levantamento bibliográfico realizado. A literatura pesquisada e os objetivos da pesquisa orientaram o trabalho interpretativo acerca do que foi expressado pelos entrevistados. A definição de parâmetros de avaliação por meio de construção de categorias analíticas viabiliza o exame dos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos acerca do tema investigado (BARDIN, 1997).

² Os critérios indicados na tabela dizem respeito a autodeclaração dos participantes. Além disso, foram utilizados nomes fictícios com a intenção de preservar a identidade dos participantes por questões éticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir foram divididos em duas categorias: a análise das cenas - onde as séries são contextualizadas e as cenas resumidas, para que pudessem ser avaliadas no quesito de possíveis microagressões apresentadas-, e a análise das entrevistas, sendo esta dividida em duas subcategorias, “As percepções dos tipos de microagressões vivenciadas pela comunidade LGBTQ+” e “Efeitos subjetivos e estratégias adotadas pela comunidade LGBTQ+ diante das microagressões percebidas em programas televisivos”.

ANÁLISE DAS CENAS

A primeira cena analisada foi oriunda do seriado *Glee*, um show televisivo que foi ao ar em 2009, mostrando a vida social e os dramas vividos pelos membros do coral da *McKinley High School*, o *Glee Club*. A série é considerada inclusiva de diversas minorias, mas possui um exemplo claro de hipersexualização. No 14º episódio da primeira temporada (2010), Santana, uma líder de torcida Latina – que se assumiu lésbica algumas temporadas depois - e Brittany, também líder de torcida, branca e bissexual, convidam seu colega do coral Finn – um homem cisgênero, branco e heterossexual que é jogador de futebol americano - para um encontro. No restaurante, Santana e Brittany conversam exclusivamente entre si, e quando Finn protesta Santana fala “você paga o jantar e nós nos pegamos para você ver. É um ótimo negócio”.

Essa cena mostra a típica fantasia do homem heterossexual em ver duas mulheres se beijando. Isso hipersexualiza e trata mulheres LGBTQ+ como objetos, em que suas identidades sexuais são somente um show para agradar homens heterossexuais. Ainda que, nesse caso específico, a ideia tenha partido de Santana e Brittany, ter uma frase dessas escrita por um homem e colocada para ser dita por uma mulher Latina e lésbica em uma série que, na época, era um dos maiores exemplos de representação LGBTQ+, pode ser extremamente perigoso, já que permite que as pessoas que assistem o seriado reforcem seus estereótipos sobre mulheres lésbicas e latinas como sendo promíscuas, validando, assim, a sexualização e invasão de privacidade para entretenimento público.

A segunda cena analisada advém da série televisiva *Friends*, uma sitcom de 1994 que mostra a história dos melhores amigos Rachel Green, Ross Geller, Monica Geller, Joey Tribbiani, Chandler Bing e Phoebe Buffay, seis jovens adultos vivendo em Nova York. Uma das histórias contadas no quarto episódio da terceira temporada (1996) retrata quatro personagens: Ross – um homem cisgênero, branco e heterossexual –, Carol – ex mulher de Ross que se identifica como lésbica –, Susan – namorada de Carol- e Ben, o filho de Ross e Carol. Na cena, Ross fica frustrado quando seu filho aparece com uma boneca Barbie e decide perguntar “o que o meu filho está fazendo com uma Barbie?”. Carol explica que Ben foi quem escolheu o brinquedo na loja, e Susan complementa ao dizer que o garoto leva a boneca para todo lugar. Ross insiste em perguntar por que ele tem uma boneca e então Susan pergunta se Ross está com medo de que Ben “cresça no show *business*” e Carol questiona se o problema tem a ver com o fato de que Ben está sendo criado por duas mulheres. Isso faz com que Ross garanta que ele não vê problema no “lance da Barbie”, mas o restante do episódio o mostra tentando convencer Ben de que ele não quer a Barbie, e sim brinquedos mais “masculinos”.

Essa cena, aparentemente simples, possui um grande número de microagressões para observarmos. Primeiramente, a ideia heteronormativa de que meninos brincam com bonecos de ação e meninas com bonecas do tipo Barbie é uma clara demonstração da Patologização da Cultura e Valores. Logo, se Ben é um menino, seria inadmissível que ele goste de bonecas. Isso nos leva à segunda microagressão: o comportamento de Ross deixa a expressão implícita de que, se Ben brincar com bonecas, ele pode “se tornar” gay, um exemplo claro de homofobia. Além disso, é possível argumentar que o fato de Ross assegurar que ele não vê problemas em seu filho brincar com uma boneca depois de ser questionado e até de certa maneira desafiado por sua ex mulher mostra a Negação do Heterossexismo Individual, já que ele passa o resto do episódio claramente incomodado com a situação, mas insiste em fingir que está confortável na frente de Susan e Carol.

Por fim, a terceira cena analisada parte do filme *Se Beber Não Case - Parte 2*. Nela os amigos Stu, Alan, Phil e Doug vão para a Tailândia para o casamento e a despedida de solteiro de Stu. Porém, após acordarem sem memórias da despedida de solteiro, os amigos decidem refazer seus passos para descobrir o que aconteceu na noite anterior. Em um determinado momento, Alan se recorda de ter ido a um clube de strip-tease, e os amigos decidem voltar

para o estabelecimento em busca de respostas. Eles vão para o *backstage* conversar com uma das profissionais do sexo, Kimmy, que afirma que Stu se apaixonou por ela e eles tiveram uma relação sexual. Stu fica irritado consigo mesmo por ter traído sua noiva e violado seu código moral, e para fazê-lo se sentir melhor, Kimmy afirma que foi um momento lindo, que Stu chorou e ela teve que pedir para que ele fosse mais devagar para não ejacular nele precocemente. Stu ri, brevemente, e pergunta como ela iria ejacular, questionando o inglês dela ao escutá-la afirmando que viria de seus testículos. Ela, então, tira seu roupão para revelar seus seios, pênis e testículos, fazendo com que Stu e Phil gritem e caiam de suas cadeiras, suas expressões faciais retratando nojo e choque. Quando ela insiste que foi um momento especial por eles terem ejaculado ao mesmo tempo, Phil se mostra enjoado e Stu começa a chorar, saindo do estabelecimento. Alan, durante toda a interação, fica claramente sem entender o que está acontecendo e, quando fala para seus amigos que está confuso com o que aconteceu, Stu explica que fez “amor com um cara com peitos”.

Mesmo que essa cena não contenha elementos presentes na Negação do Heterossexismo Individual ou da Patologização da Cultura e Valores, ela é um exemplo claro de micro invalidação, por invalidar a experiência e identidade da personagem diversas vezes e zombar a vivência de pessoas trans ao tentar fazer essa cena ser vista como cômica no momento em que os personagens assumem que Kimmy é “um cara” por possuir pênis e testículos, mesmo ela se apresentando e se identificando como mulher e usando pronomes femininos. Além disso, a cena também pode se encaixar na categoria Terminologia Heterossexista quando Stu se refere a uma mulher trans como “um cara com peitos”.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A pesquisa realizada aplicou o método de análise de conteúdo temática, inspirado em Gomes (2002). Após as realizações e transcrições das entrevistas, foram selecionadas e definidas duas categorias temáticas, sendo elas a) As percepções dos tipos de microagressões vivenciadas pela comunidade LGBTQ+ e b) Efeitos subjetivos e estratégias adotadas pela comunidade LGBTQ+ diante das microagressões percebidas em programas televisivos. Os

critérios de definição das categorias foram a coerência com os objetivos do projeto de pesquisa proposto, bem como a relevância e incidência dos temas nas transcrições.

1. As percepções dos tipos de microagressões vivenciadas pela comunidade LGBTQ+

Nesta seção serão discutidas as percepções dos tipos de microagressões vivenciadas pela comunidade LGBTQ+, sendo que uma das discussões que faremos diz respeito ao sentido dado pelos entrevistados ao conceito de microagressões, e outra diz respeito a um enquadramento das vivências relatadas pelos entrevistados e os tipos de microagressões sugeridos por Nadal (2014).

Bem como anteriormente apresentado, Nadal sugere a definição de microagressões como ações e representações comuns e breves, podendo ser verbais, comportamentais ou ambientais, intencionais ou não, direcionadas a minorias, no caso deste estudo, à comunidade LGBTQ+.

No que diz respeito ao sentido dado pelos entrevistados ao conceito de microagressões, Beatriz relata que microagressões, para ela, têm a ver com os efeitos gerados por atitudes de outras pessoas em relação a sua identidade de gênero/orientação sexual, tal como expresso no trecho abaixo.

Beatriz: “(...) pequenos machucadinhos que você vai fazendo ao longo do dia... e que eu acho que eles são mais malvados ainda porque tipo... eles não são grandes o suficiente para a gente fazer alguma coisa sobre. Eles só são pequenos o suficiente para você se sentir mal, achar que o problema é você e institucionalizar ainda mais isso.”

Ainda em relação ao relato de Beatriz, observamos que, embora os atos considerados microagressivos gerem repercussões objetivas ("machucadinhos"), a entrevistada relata que se tratam de atos que não provocam grandes reações imediatas ("não são grandes o suficiente para a gente fazer alguma coisa sobre"). O relato se aproxima de relatos de mulheres vítimas de violência doméstica que sofrem violências psicológicas diárias, tais como gritos e ofensas em forma de brincadeiras. Em seu estudo, Góes (2019) aponta que estes pequenos atos sofridos continuamente podem gerar uma série de consequências em termos de sofrimento

mental, especialmente, um sentimento de menos-valia e de impotência diante da violência psicológica sofrida.

Além disso, Beatriz discorre sobre um ponto que considera central em microagressões, tanto nas cenas assistidas, quanto em sua vida cotidiana:

“O que mais me incomoda sobre as microagressões, sobre o do jeito que ele [Ross] se comporta e sobre microagressões na vida real é como elas quase sempre são feitas por pessoas que são *tão legais*. Essas pessoas dizem que você está exagerando. Você está exagerando. E eu acho que ele [Ross] é o rei das microagressões. Ninguém representa microagressão tão bem quanto esse personagem”.

Dessa forma, é possível perceber que, para Beatriz, uma característica das microagressões é a forma como são veladas e, no caso da cena a qual se refere, é utilizado do humor para mascarar preconceitos. Dessa forma, o sofrimento da pessoa vítima de microagressões é abafado, a ponto da vítima questionar e invalidar seus próprios sentimentos, gerando um ciclo de microagressões e sofrimento psíquico.

Embora tenha declarado não conhecer o termo "microagressão", o entendimento de João, ao ouvir a palavra, se aproxima da definição de Beatriz: “eu acredito que sejam pequenas expressões... expressões veladas que, de certa forma, machucam um pouco nossa integridade e que tem a ver um pouco com... algumas ofensas”. Em ambos os discursos foi usada a palavra “machucar”, sugerindo um entendimento acerca de microagressões como algo que deixa uma significativa marca psicológica em suas vítimas, o que vem de encontro com o estudo realizado por Nadal e outros (2014), onde foi encontrado evidências de que ser alvo de microagressões está correlacionado com o aparecimento de sintomas de adoecimento psicológico.

A partir do entendimento descrito acerca de microagressões, João relata um momento, na cena de Friends, em que percebe uma microagressão: “eu consegui ver e identificar uma microagressão que foi quando ele [Ross] se refere indiretamente à Susan, como se o filho dele ser criado por duas mães fosse algo que fosse delimitar a sexualidade dele né... então... foi nesses dois momentos que eu senti a desinformação e a microagressão”.

A suposição de que o cuidado de duas mulheres pode desviar o menino da rota heterossexual é aqui vinculada a uma discriminação para com mulheres lésbicas e bissexuais que vincula o seu relacionamento sexual-afetivo a uma imposição de sexualidade

homossexual a uma criança. Tal suposição e discriminação são oriundas de um comportamento machista por parte do personagem Ross, homem, cisgênero e heterossexual.

Além de microagressões proferidas por pessoas cisgênero e heterossexuais, também existe a possibilidade de os autores das microagressões serem pessoas LGBTQ+. Um terceiro entrevistado, Maurício, comentou sobre esse fenômeno. Ao conversar sobre o que o entrevistado chamou de “cultura de descarte” dentro da comunidade, que poderia ser entendida como a facilidade de descartar as pessoas após elas terem se satisfeito de alguma forma, nesse contexto, especialmente sexualmente. Maurício mencionou como isso é comum, especialmente entre homens gays; na visão dele, isso poderia ser visto como uma microagressão, causada especialmente pela homofobia internalizada. É possível argumentar que esse fenômeno poderia ser causado pela incorporação da hiper sexualização, microagressão onde a comunidade LGBTQ+ é comumente associada à promiscuidade (Sue, 2010).

Para além disso, o entrevistado também comentou sobre como homens gays buscam um relacionamento semelhante à um relacionamento heterossexual: “O cara por mais que ele já se assumiu gay (...) ele quer ter o relacionamento gay, mas (...) independente da forma que ele for, seja aberto ou fechado, ele tem que ser o mais heterossexual possível, o mais heteronormativo possível”. Maurício observa que tal comportamento agride os membros da comunidade LGBTQ+, pois, mesmo em um relacionamento não tradicional, muitas vezes ocorre uma invalidação na busca de se encaixar em um molde não feito para essas pessoas. Isso se encaixaria na categoria de Patologização de Cultura e Valores, onde, como dito anteriormente, o indivíduo assimila a cultura heterossexual como ideal (Sue, 2010).

Além de Maurício, Beatriz também trouxe em seus relatos o tema da hiperssexualização da comunidade LGBTQ+, trazendo a percepção de uma mulher cisgênero bissexual. Depois de assistir à cena de *Glee*, Beatriz discorre sobre vivências pessoais que a narrativa dos personagens a fizeram lembrar. Dentre alguns exemplos, a entrevistada expôs que a primeira vez em que beijou uma mulher em um local público, ela foi interrompida por um homem perguntando se ele poderia entrar no meio e participar.

Assim como Beatriz, Joana, uma participante cisgênero e lésbica, também mencionou experiências frequentes em que sua identidade é desafiada como forma de hipersexualizar e

desvalidar sua vivência. A entrevistada mencionou que quase sempre que está acompanhada de alguma garota em um contexto social, elas são abordadas por homens pedindo para que as mesmas provem que são lésbicas e se beijem, ou reclamando que está faltando alguma coisa no relacionamento.

As falas dos entrevistados mostram que, mesmo sem saber o significado exato da palavra, pessoas LGBTQ+ reconhecem microagressões em seu cotidiano, tanto por parte de pessoas de fora da comunidade, o que condiz com a literatura sobre o assunto, mas também por pessoas LGBTQ+, o que pode ser um indício de homofobia internalizada e uma consequência da heteronormatividade.

A homofobia internalizada pode ser entendida como a internalização da visão socialmente negativa de pessoas LGBTQ+, um conflito intrapsíquico entre os sentimentos e desejos homossexuais, e a sensação de necessidade de ser heterossexual devido à pressão externa, o que pode levar à rejeição de sua própria identidade sexual (Meyer & Dean, 1998; Herek, 2004). Já a heterossexualidade compulsória é a ideia de que a heterossexualidade é algo tão imposto e exigido de mulheres pela sociedade patriarcal e heteronormativa, que é comum que mulheres lésbicas se identifiquem como heterossexuais por anos, não por sentir atração por homens e/ou falta de atração por mulheres, mas por não perceber ou aceitar a homossexualidade como uma opção para elas. Por mais que esse fenômeno afete mulheres desproporcionalmente devido ao patriarcado, a heterossexualidade - e ser cisgênero- é algo esperado e imposto em todos os indivíduos (Seidman, 2009). Devido à ocorrência destes fenômenos, é possível entender o motivo pelo qual pessoas da própria comunidade LGBTQ+ podem ser não somente os alvos destas microagressões, mas os próprios perpetradores das mesmas.

2. Efeitos subjetivos e estratégias adotadas pela comunidade LGBTQ+ diante das microagressões percebidas em programas televisivos

Ao pensar no efeito que cenas como as estudadas acima têm em seus telespectadores, Joana apontou que as representações vistas na mídia são de extrema importância, pois criam um imaginário coletivo sobre o que é ser LGBTQ+, tanto para pessoas de dentro da

comunidade como de fora. Para pessoas LGBTQ+, Joana acredita que representações repetitivas criam uma expectativa para a pessoa do que ela deve ou espera ser. Quando se está fora de um padrão tão central para a sociedade, é importante se espelhar em personagens que dizem respeito a como a pessoa se identifica. Já em relação a pessoas fora da comunidade LGBTQ+, Joana julga que os danos são ainda mais severos do que à pessoas LGBTQ+, pois ao criar esse imaginário coletivo, qualquer traço que desvie do ‘padrão LGBTQ+’ pode ser incompreendido, julgado, e até punido, como mostra o trecho abaixo.

“(...) Já rola todo um preconceito por a pessoa ser [LGBTQ+]. E quando essas pessoas que são cis, que são hétero, não tem nenhum contato, não conhecem isso na vida real, (...), o que eles têm é isso, é o que aparece na mídia. E se o que aparece na mídia é desse jeito, eu já tô tendo que aceitar que meu filho é, é gay, é lésbica, é trans, sei lá, então tem que pelo menos ser desse jeito aqui.”

Essa observação está de acordo com o que foi mencionado sobre o poder das mídias em influenciar a sociedade e ‘ensinar’ como ela deve interpretar e experienciar os fenômenos apresentados (De Souza, 2003). Ao mostrar apenas uma forma de ser LGBTQ+, a mídia está excluindo qualquer outra forma possível dessa vivência do imaginário coletivo, o que dificulta tanto o processo de expressões que estejam fora deste molde proposto por parte de pessoas dentro da comunidade, quanto o processo de entendimento e aceitação de expressões fora da norma por parte de pessoas de fora da comunidade LGBTQ+.

Notar a diferença no modo de interpretar a cena foi algo que Maurício mencionou como essencial. Por serem pessoas com vivências completamente diferentes, uma pessoa de dentro da comunidade e uma de fora vão observar cenas e dinâmicas com personagens LGBTQ+ de maneiras diferentes. Ao se tratar da cena de *Glee*, o participante verificou que, ao assistir a cena, ele achou graça por achar o conteúdo exposto completamente absurdo, enquanto alguém de fora provavelmente veria graça em outros aspectos da cena, ou não entenderia do que a cena realmente trata, e o sofrimento por trás da contínua representação de casais compostos por duas mulheres como objetos sexuais para homens brancos heterossexuais.

Em relação estratégias de mudança de práticas e consumo de séries, Maurício explicou que não consome o que ele chamou de “cultura hétero”. Ao ser questionado sobre o

significado da expressão, o participante explicou ser um entretenimento voltado para o homem cisgênero e heterossexual, em que não há protagonização feminina além do necessário para satisfazer o público masculino, onde as interações entre homens são extremamente forçadas e que, caso tenha alguma representatividade, o personagem serve somente como alívio cômico.

Joana expressou interesse em um maior consumo de mídias LGBTQ+, e lamentou a dificuldade em acessar conteúdos do gênero. “(...) Eu não acho que exista pouco, mas a visibilidade é muito pouca. Tem um apagamento muito forte nesse sentido.” Ao não ter acesso a conteúdos com representações diversas e reais, a participante disse assistir mídias com personagens LGBTQ+ mesmo quando a representação não é fidedigna, devido à escassez de conteúdo conhecido e acessível.

No que diz respeito às experiências subjetivas de João, foi relatado que, dentre as cenas, a que mais gerou impacto no entrevistado foi a do filme “Se Beber Não Case 2”. Após assisti-la, a palavra escolhida por ele para definir o que sentiu foi “decepção”. De acordo com João,

“a partir do ponto em que eles descobrem que é uma travesti²... eles... já mudam um pouco o repertório, né?! O problema não é trair... O problema não é ficar bêbado e fazer... né... várias coisas... o problema é ele se relacionar com uma travesti”.

A partir disso, João discorre sobre a forma como a cena naturalizou a traição de um homem cisgênero heterossexual dias antes de seu casamento, uma vez que o personagem recebeu apoio e elogios dos amigos após o feito ser revelado. Contudo, ao ser explicado que a pessoa com quem João se relacionou é uma mulher trans (fato que o personagem havia esquecido pelo excesso de bebida), o personagem demonstra vergonha, nojo e arrependimento. Os amigos, por sua vez, que estavam elogiando a beleza da mulher, ao descobrirem que não se tratava de uma mulher cisgênero, também demonstraram vergonha e nojo. Esses pontos, destacados por João, ressaltam o estigma presente sobre a população

² Apesar de o entrevistado utilizar aqui o termo ‘travesti’, essa identidade é utilizada por pessoas da América Latina, especificamente na América do Sul. Como a cena se passa em Bangkok, o termo ‘travesti’ não é apropriado para descrever a identidade de gênero da personagem.

LGTBQ+ e a mudança de tratamento sobre uma pessoa ao ser revelado que ela não faz parte de um padrão heteronormativo.

Após assistir a mesma cena, Beatriz descreve alguns efeitos subjetivos percebidos em si mesma enquanto mulher cisgênero bissexual. A participante relatou que:

“Quando [a microagressão] é diretamente para a parte ‘LGB’ da população, mexe comigo de um jeito tipo... ofensivo... e aí me traz uma mágoa, me traz uma tristeza... e aí, isso é uma coisa. Mas quando se está falando da população transexual e da população transgênero e tal, eu sinto uma coisa mais... um incômodo. Me dá mais vontade de brigar porque não é pessoal. Eu sinto que eu realmente posso fazer alguma coisa (...)”

A diferença na descrição das emoções sentidas por Beatriz no que se refere a microagressões direcionadas para diferentes partes da população LGBTQIA+ demonstra que quando está direcionada para a sua orientação sexual ela se sente mais impotente, sentindo emoções como tristeza e mágoa. Em contraponto, quando a microagressão é direcionada aos grupos de identidade de gênero e orientação sexual do qual não faz parte, consegue se distanciar da situação emocionalmente para tentar fazer justiça.

Assim como Maurício, ao refletir sobre as mídias consumidas, Beatriz as diferencia em dois tipos: a) mídias heteronormativas e b) inclusivas do público LGBTQIA+. Com isso, a participante discorre que quando percebe uma microagressão em uma mídia heteronormativa é afetada, mas não surpreendida. Contudo, quando percebe em uma mídia que é vendida como LGBTQIA+ inclusiva, isso, por conta própria, é uma microagressão. Nas palavras da participante:

“Eu acho que é pior. Era nossa única esperança (...) e a gente não pode reclamar, porque o que é que a gente vai ver? Mais filmes sobre traição? Uma novela que tem um ‘beijinho’? Sabe, eu sinto que é pior”

Em relação às estratégias utilizadas acerca da exposição a microagressões em mídias assistidas, Beatriz explica que, por gostar muito de obras cinematográficas, procura conhecer todas as obras que se intitulam LGBTQ+ inclusivas, mesmo aquelas que são criticadas.

Contudo, a participante aponta isso como um privilégio, uma vez que conta com uma forte rede de apoio e, caso perceba microagressões, terá com quem dialogar sobre.

Em consonância, João afirma que, embora a população LGBTQ+ tenha sido representada por muito tempo de forma marginalizada, como nas cenas assistidas, as obras atuais que visam representá-los são mais responsáveis e criteriosas nos diálogos e na forma de construir a representatividade:

“Produções da Netflix, produções da Amazon... que a gente vê que, por mais que seja irreal, por mais que seja extraordinário, por mais que seja *‘Pink Money’*, e não algo honesto, é algo que desperta muito mais conscientização do que gatilhos”.

Assim como Beatriz, João declara que atualmente consome menos conteúdos microagressivos. Segundo o participante, essa estatística diminuiu não apenas por as obras atuais representarem a população LGBTQ+ de forma menos estigmatizada em comparação ao início dos anos 2000, mas por ele também se perceber mais criterioso em relação ao conteúdo consumido. A partir disso, é possível perceber que mesmo os participantes que não conheciam o termo “microagressão” sabiam distinguir quando havia presença de microagressões e, mais do que isso, conseguiram estabelecer estratégias de autoproteção. Essa habilidade psicológica relatada pelos próprios participantes está em conformidade com Nadal (2014).

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com os resultados tanto da análise das cenas quanto das entrevistas, é possível observar que diversas microagressões contra pessoas LGBTQ+ estão presentes em diferentes tipos de mídias disponíveis para a grande massa da população, e que sua disseminação interfere com o bem-estar, a autoimagem, a confiança e até mesmo as expectativas para si próprio de indivíduos LGBTQ+, impactando a saúde mental de membros dessa comunidade.

Como principais achados da pesquisa, temos que as repercussões psicológicas das microagressões deixam marcas significativas nas vítimas, por serem veladas, apresentarem barreiras à reação das vítimas e, muitas vezes, utilizarem-se do humor como forma de

mascarar o preconceito. Notou-se que associações a hiper sexualização e patologização de cultura e valores LGBTQ+ são constantes na vivência dos entrevistados, que apontam possuir como estratégia evitar o consumo de séries e filmes que tendem a naturalizar tais associações, tal como os materiais analisados. A mudança de materiais que exprimem - nas palavras de uma participante - a cultura heterossexual para conteúdos com maior representação parece ser uma estratégia para valorizar materiais mais inclusivos e evitar contribuir passivamente para a reprodução da LGBTfobia.

Ainda foi possível observar que existe um movimento acontecendo nas principais plataformas de *streaming* para a produção de obras audiovisuais que representem a população LGBTQIA+ de forma humanizada, evitando estigmas, agressões, repressões e chacotas. Contudo, houve uma reflexão acerca da relação desse movimento com o capitalismo. Conforme destacado pelos participantes e por De Oliveira (2021, p. 29), “mais do que a representação midiática, se questiona se há correspondência entre o uso da pauta da diversidade em campanhas com iniciativas de empregabilidade por essas organizações”.

Além disso, é relevante destacar que, embora as microagressões afetem a todos que fazem parte do grupo minoritário violentado (Nadal, 2014), a saúde mental de cada estudante universitário LGBTQIA+ é afetada de forma particular. A resposta para esse fenômeno é multifatorial, mas cabe destacar três pontos centrais: a) a história de vida do sujeito, podendo ser mais ou menos exposto a memórias e traumas ao assistir mídias microagressivas; b) a presença ou ausência de uma rede de apoio; c) a identidade de gênero e orientação sexual, despertando emoções diferentes - ainda que todas negativas - a depender da microagressão estar diretamente relacionada ao sujeito ou não. Assim, foi possível concluir que a diversidade dos participantes foi significativa para os resultados encontrados.

Como limitações da pesquisa, é importante destacar que a amostra de participantes foi pequena, e que todos os participantes da pesquisa nasceram e residem atualmente no Brasil, o que significa que os resultados aqui encontrados talvez não reflitam a vivência da comunidade LGBTQ+ como um todo globalmente, já que características como nível de educação, nacionalidade, renda, status social etc., podem impactar a realidade dos indivíduos e como eles observam e lidam com microagressões apresentadas na mídia, o que pode prejudicar a validade externa do presente estudo. Assim, uma forma de verificar esse fato

seria por meio da replicação ou realização de estudos similares em diferentes países e com um número maior de participantes, para observar caso os dados aqui encontrados possam ser generalizados para a população em geral ou não.

Também é de suma importância ressaltar que diferentes pesquisadores podem interpretar os dados aqui coletados de forma diferente. A equipe pesquisadora analisou os resultados com base em suas próprias vivências e visões de mundo, que são influenciadas pela subjetividade individual. Portanto, os resultados aqui apresentados não devem ser considerados como verdades absolutas, mas sim interpretações feitas após muito estudo sobre o tema proposto.

Por fim, considerando a crescente³ utilização de plataformas de *streaming* para consumir conteúdos midiáticos desde o início deste estudo, a ainda pequena quantidade de estudos brasileiros acerca de microagressões e os impactos das representações midiáticas sobre a saúde mental de estudantes universitários LGBTQIA+ encontrados, é imprescindível que novas pesquisas sejam realizadas acerca do tema. O presente estudo seguiu o que Bock (2001) sugere acerca de uma psicologia crítica - que não tem a pretensão de ser neutra, mas ética, política e a serviço de grupos marginalizados. Assim, para estudos futuros, sugere-se ampliar a diversidade dos entrevistados, incluindo o debate socioeconômico articulado à população LGBTQIA+ e, em contraste com este estudo, que escolheu mídias relativamente antigas em razão de suas popularidades, analisar o conteúdo de produções audiovisuais atuais a fim de melhor compreender as novas formas de representações da população LGBTQIA+ e como elas são interpretadas pelos grupos representados.

³ FOLHA DE SÃO PAULO [online]. Em 2021, a Netflix ultrapassou a marca de 200 milhões de assinantes no mundo. 19/01/2021. Acesso em 08/08/2021.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo. **Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica**. In: Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo. Sesc/CEBRAP. São São Paulo, 2016. Pp. 60-72.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Estados Unidos). **DSM History**. [S. l.], 201-. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm/history-of-the-dsm>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Estados Unidos). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. [S. l.: s. n.], 1952. v 4.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Estados Unidos). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. [S. l.: s. n.], 2013. v 5.
- BAKER, Carolyn; LUKE, Allan. Discourses and Practices: A Postscript. *In*: BAKER, Carolyn; LUKE, Allan (ed.). **Towards a Critical Sociology of Reading Pedagogy**. [S. l.]: John Benjamins Publishing Company, 1991. cap. 11.
- BARDIN, L. (1997). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BARRET, Bob; LOGAN, Colleen. **Counseling Gay Men and Lesbians: A Practice Primer (Counseling Diverse Populations)**. 1. ed. Pacific Grove: Brooks Cole, 2002.
- BLEE, K; TAYLOR, Verta. Semi-structured Interviewing in Social Movement Research. **Methods of Social Movement Research**, Minneapolis, 2002.
- BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M., FURTADO, O. (orgs.) **PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM PSICOLOGIA**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BULLOUGH, Vern L. **Homosexuality: A History (From Ancient Greece to Gay Liberation)**. 1. ed. Londres: Routledge, 1979.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1999.
- DEAUX, Kay. Sex and Gender. Sex and Gender, **Annual review of psychology**, v. 36, ed. 1, p. 49-81, Fevereiro 1985. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.36.020185.000405>.
- DE OLIVEIRA, Arize Souza Fernandes; MACHADO, Mônica. Mais do que dinheiro: pink money e a circulação de sentidos na comunidade lgbt+. **Signos do Consumo**, v. 13, n. 1, p. 20-31, 2021.

DE SOUZA, Carolina Borges. **Crianças e computadores**: discutindo o uso das TICs na educação infantil. 2003. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação - Engenharia de Produção.) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, [S. l.], 2003.

DRESCHER, Jack. Out of DSM: Depathologizing Homosexuality. **Advances in Psychiatric Diagnosis Past, Present and Future**, [s. l.], v. 5, ed. 4, p. 565-575, 4 dez. 2015. DOI <https://doi.org/10.3390/bs5040565>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-328X/5/4/565>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Rev. Educar*, Curitiba, número 24, out.2004. pp. 213-225.

FARIAS, Victor. Sob vaias, defensora da 'cura gay' lança chapa para Conselho Federal de Psicologia. **O Globo**, [S. l.], 5 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/sob-vaias-defensora-da-cura-gay-lanca-chapa-para-conselho-federal-de-psicologia-23718825>. Acesso em: 8 mar. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. Netflix tem recorde de assinantes, mas receita cresce menos que o esperado. [S. l.], 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/netflix-tem-recorde-de-assinantes-mas-receita-cresce-menos-que-o-esperado.shtml>. Acesso em: 26 dez. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO [online]. Em 2021, a Netflix ultrapassou a marca de 200 milhões de assinantes no mundo. 19/01/2021. Acesso em 08/08/2021. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/netflix-ultrapassa-marca-de-200-milhoes-de-assinantes.shtml>

FOUCAULT, Michel. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison**. New York: Pantheon Books, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Problematização Do Sujeito**: Psicologia, Psiquiatria E Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976. v. 1.

FRECCERO, Carla. **Queer/early/modern**. Durham: Duke University Press, 2005.

GERALDO, Lidiana Garcia. **Os elementos dionisíacos presentes na origem da Tragédia Grega**. Orientador: Flávio Ribeiro de Oliveira. 2017. 229 p. Dissertação (Pós-Graduação em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/324289/1/Geraldo_LidianaGarcia_M.pdf. Acesso em: 17 dez. 2019.

DE GOES, Eva Dayane Almeida. **A vergonha social e o medo: obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher**. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 11, p. 23627-23645, 2019.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. MINAYO, Maria. (Org.) 21ª Edição. Ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. Pp. 67-80.

GREENBERG, David F.; BYSTRYN, Marcia H. Christian Intolerance of Homosexuality. **American Journal of Sociology**, [s. l.], ed. 3, p. 520, Novembro 1982. DOI <https://doi.org/10.1086/227706>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/227706>. Acesso em: 19 dez. 2019.

GREENE, Darrel; BRITTON, Paula; SHEPERD, Brad. LGBTQ Aging: Mental Health at Midlife and Older Adulthood. **Journal of LGBT Issues in Counseling**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 180-196, 21 nov. 2016. DOI <https://doi.org/10.1080/15538605.2016.1233839>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15538605.2016.1233839>. Acesso em: 29 dez. 2019.

HASBANY, Richard. **Homosexuality and Religion**. 1. ed. [S. l.]: Haworth Press, 1989. ISBN 0918393663.

HEREK, Gregory. Assessing heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: A review of empirical research with the ATLG scale.. **Contemporary perspectives in lesbian and gay issues in psychology**, Newbury Park, CA, p. 206 – 228, 1984. DOI <https://doi.org/10.4135/9781483326757.n11>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1996-97197-011>. Acesso em: 30 dez. 2019.

KELLEHER, Cathy. Minority stress and health: Implications for lesbian, gay, bisexual, transgender, and questioning (LGBTQ) young people. **Counselling Psychology Quarterly**, [s. l.], n. 4, p. 373-379, 14 dez. 2014. DOI <https://doi.org/10.1080/09515070903334995>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09515070903334995>. Acesso em: 5 jan. 2020.

KEMP, SIMON. **DIGITAL 2019: GLOBAL INTERNET USE ACCELERATES**. We are social, [S. l.], p. 227-237, 30 jan. 2019. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>. Acesso em: 19 dez. 2019.

KIRLE, Bruce. Something for the Boys: Musical Theater and Gay Culture. **Theatre Journal**, [s. l.], v. 52, n. 4, p. 594-595, Dezembro 2000.

LAQUEUR, Thomas W. **Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud**. Cambridge, Massachusetts, e Londres: Harvard University Press, 1990. ISBN 9780674543553.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**. Sesc/CEBRAP. São São Paulo, 2016. Pp. 24-41.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARKETING CHARTS. College Students Spend 12 Hours/Day with Media, Gadgets. [S. l.], 30 nov. 2009. Disponível em: <https://www.marketingcharts.com/television-11195>. Acesso em: 26 dez. 2019.

MELLO, Luiz et al . Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro , n. 9, p. 7-28, Dec. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872011000400002&lng=en&nrm=iso>. access on 12 May 2020. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872011000400002>.

MORIGI, V. J. **Teoria social e comunicação**: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. E-Compós, v. 1, 11.

NADAL, Kevin, ISSA, Marie-Anne, LEON, Jayleen, MERTEKO, Vanessa, WIDEMAN, Michelle & WONG, Yinglee. Sexual Orientation Microaggressions: “Death by a Thousand Cuts” for Lesbian, Gay, and Bisexual Youth, **Journal of LGBT Youth**, 8:3, p.234-259, Jul 2011

NADAL, Kevin, ISSA, Marie-Anne, LEON, Jayleen, MERTEKO, Vanessa, WIDEMAN, Michelle & WONG, Yinglee. Sexual Orientation Microaggressions: Processes and Coping Mechanisms for Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals, **Journal of LGBT Issues in Counseling**, 5:1, p.21-46, Mar 2011

NADAL, Kevin L; WONG, Yinglee; ISSA, Marie-Anne; MERTEKO, Vanessa; LEON, Jayleen; WIDEMAN, Michelle. Sexual Orientation Microaggressions: Processes and Coping Mechanisms for Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals. **Journal of LGBT Issues in Counseling**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 21-46, 9 mar. 2011. DOI <https://doi.org/10.1080/15538605.2011.554606>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15538605.2011.554606>. Acesso em: 26 dez. 2019.

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de; GERALDO, Lidiana Garcia. DITIRAMBO: CULTO E LOUVOR A DIONISO. **Revista Hélade**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 59 - 69, dec. 2016. ISSN 1518-2541. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/10969/7763>. Acesso em: 14 mar 2020. doi:<https://doi.org/10.22409/rh.v2i3.10969>.

PLANNED PARENTHOOD (Estados Unidos). **What do I need to know about transitioning?**. [S. l.], (S/D) Disponível em: <https://www.plannedparenthood.org/learn/gender-identity/transgender/what-do-i-need-know-about-transitioning>. Acesso em: 18 dez. 2019.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil**: da sodomia ao homossexualismo. Iniciação científica: destaques, [1], ed. 1, p. 313-392., 2007

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Prescrições médicas contra os males da nação**: diálogos de Franco da Rocha na construção das Ciências Sociais no Brasil. Orientador: Angelo Del Vecchio. 2010. 157 p. Tese de mestrado (Pós-graduação em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista - UNESP,

Araraquara, 2010. DOI <http://dx.doi.org/10.5016/DT000620694>. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98980>. Acesso em: 11 dez. 2019.

RUSSEL, Stephen; JOYNER, Kara. Adolescent Sexual Orientation and Suicide Risk: Evidence From a National Study. **American Journal of Public Health**, [s. l.], v. 91, n. 8, p. 1276-1281, 1 ago. 2001. DOI <https://doi.org/10.2105/AJPH.91.8.1276>. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.91.8.1276>. Acesso em: 2 fev. 2020.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Autêntica, 2012.

SEIDMAN, Steven. **Critique of compulsory heterosexuality**. Sex Res Soc Policy 6, 18 (2009). <https://doi.org/10.1525/srsp.2009.6.1.18>

SEIDMAN, Steven. **The Social Construction of Sexuality**. 3. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

SHELTON, Kimber & EDWARD, A. Delgado-Romero. Sexual Orientation Microaggressions: The Experience of Lesbian, Gay, Bisexual, and Queer Clients in Psychotherapy, **Journal of Counseling Psychology**, vol. 58, No. 2, p. 210-221, 2011

SOUTO, Luiza. Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório. **O Globo**, [S. l.], 17 jan. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>. Acesso em: 13 mar. 2020.

STRYKER, Susan. **My Words to Victor Frankenstein above the Village of Chamounix: Performing Transgender Rage**. 2006.

SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation**. Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation. Hoboken, New Jersey: Wiley, 2010

SZASZ, Thomas. O Mito Da Doença Mental. In: SZASZ, Thomas. **Ideologia e Doença Mental: Ensaio Sobre a Desumanização Psiquiátrica do Homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977. cap. 2, p. 19-26.

SEIDMAN, Steven. **The Social Construction of Sexuality**. [S. l.]: Norton, 2003. ISBN 039397510X, 9780393975109.

TURATO, Egberto. **A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária**. In: Método Qualitativo – epistemologia, complementaridades e campos de ação. 2004.

VASCONCELOS, Mikaela Karla Pedrosa; DA COSTA, Livia pereira; NEPOMUCENO, Margarete Almeida. Identidades em TRANS (ito): análise das personagens transexuais e drag queen em campanhas publicitárias. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**, 18., 2016, Caruaru, PE., 2016.

VIANA, Luciana. **Como funciona o SUS para pessoas transexuais**. [S. l.], (S/D). Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/reportagens/como-funciona-o-sus-para-pessoas-transexuais/>. Acesso em: 26 dez. 2019.

VIANNA, Tulio; Pretes, Érika. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo**. In: *Iniciação científica: destaques*. 2007

WEINBERG, George. **Society and the Healthy Homosexual**. New York: St. Martin ' s Press, 1972.

WOODFORD, Michael R; CHONODY, Jill M; KULICK, Alex; BRENNAN, David J; RENN, Kristen. The LGBTQ microaggressions on campus scale: A scale development and validation study. **Journal of Homosexuality**, [s. l.], v. 62, n. 12, p. 1660–1687, 2015. DOI <https://doi.org/10.1080/00918369.2015.1078205>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2015-49818-004>. Acesso em: 28 dez. 2019.

WOODFORD, Michael R; JOSLIN, Jessica Y; PITCHER, Erich N; RENN, Kristen A. A Mixed-Methods Inquiry Into Trans* Environmental Microaggressions on College Campuses: Experiences and Outcomes. **Journal of Ethnic & Cultural Diversity in Social Work**, [s. l.], v. 26, p. 95-111, 12 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.1080/15313204.2016.1263817>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/15313204.2016.1263817?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 26 dez. 2019.

YIN, Robert K. **Case Study Research: Design and Methods**. London: SAGE, 1984.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. 1. ed. [S. l.]: Appris, 2018. ISBN 8547310282.

ZASSHI, Seishin Shinkeigaku. **The history of the concept of gender identity disorder**. Department of Neuropsychiatry, Osaka, v. 114, ed. 6, 2012. DOI 22844818. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22844818>. Acesso em: 12 dez. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisador responsável: Lucas Amaral

Pesquisadoras assistentes: Ane Kelly da Silva Pereira e Marcela Côrtes Salgueiro dos Santos

As microagressões a pessoas LGBTQ+ na mídia e seu impacto na saúde mental de estudantes universitários LGBTQ+

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

1. Natureza e objetivos do estudo

O objetivo específico deste estudo é compreender a presença de microagressões contra a comunidade LGBTQ+ em telenovelas e/ou programas televisivos e seus efeitos subjetivos na saúde mental de estudantes universitários de Brasília (DF) que se identificam como LGBTQ+.

Você está sendo convidado a participar exatamente por ser estudante universitário e se identificar como LGBTQ+.

2. Procedimentos do estudo

Sua participação consiste em participar de uma entrevista semiestruturada sobre microagressões presentes em mídias televisivas.

Os procedimentos são: o preenchimento de um questionário demográfico, a apresentação de três cenas de filmes e séries e a participação em uma entrevista semiestruturada.

Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo. A pesquisa será realizada através da plataforma Google Meet.

3. Riscos e benefícios

Este estudo possui baixos riscos de gatilhos emocionais por meio das cenas apresentadas, devido aos baixos níveis de microagressões apresentadas nas cenas escolhidas

As medidas protetivas cabíveis, conforme a Resolução n.o 466, de 2012, considerando-se, principalmente, os riscos após a definição do teor das cenas midiáticas de microagressões a população LGBTQ+ a serem exibidas aos participantes, a serem aplicadas são:

a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;

b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;

c) garantia de que danos previsíveis serão evitados;

d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

e) Adequação aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas;

f) estar fundamentada em fatos científicos, experimentação prévia e/ou pressupostos adequados à área específica da pesquisa;

g) obter consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa e/ou seu representante legal, inclusive nos casos das pesquisas que, por sua natureza, impliquem justificadamente, em consentimento a posteriori;

h) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros;

i) ser desenvolvida preferencialmente em indivíduos com autonomia plena. Indivíduos ou grupos vulneráveis não devem ser participantes de pesquisa quando a informação desejada possa ser obtida por meio de participantes com plena autonomia, a menos que a investigação possa trazer benefícios aos indivíduos ou grupos vulneráveis;

j) respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes, quando as pesquisas envolverem comunidades;

l) assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;

m) assegurar aos participantes da pesquisa as condições de acompanhamento, tratamento, assistência integral e orientação, conforme o caso, enquanto necessário, inclusive nas pesquisas de rastreamento;

n) utilizar o material e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo, ou conforme o consentimento do participante;

4. Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.

Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

5. Confidencialidade

Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

Os dados e instrumentos utilizados (gravação da entrevista e resposta do questionário demográfico) ficarão guardados sob a responsabilidade de Ane Pereira e Marcela Santos com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Parte 01: Questionário Sociodemográfico

1. Nome
2. Idade
3. Nacionalidade
4. Identidade racial
5. Curso universitário
6. Identidade de gênero
7. Orientação sexual
8. Com que frequência assiste séries e/ou filmes?

Parte 02:

1. Antes de assistir às cenas:

1.1 Você já assistiu "Glee", "Friends" e/ou "Se Beber Não Case - Parte 2"?

1.2 Caso tenha respondido que 'sim' para a pergunta anterior, você considera a(s) mídia(s) assistida(s) inclusivas da comunidade LGBTQ+? Por que?

1.3 Você conhece o conceito de microagressões? Se sim, qual é seu entendimento do conceito?

1.3.1 Se sim, quando e onde escutou o termo pela primeira vez?

1.3.2 Se não, o que você pensa quando lhe falo este termo? (livre-associação)

2. Depois de assistir cada uma das cenas:

2.1 Que emoções você sentiu ao assistir essa cena?

2.2 Qual parte da cena te fez sentir dessa maneira?

2.3 Você considera essa cena como um retrato verídico da realidade de pessoas LGBTQ+ e/ou da sua própria realidade?

2.4 Se você respondeu positivamente à questão anterior, você considera que as emoções descritas na primeira questão sejam as mesmas que você sente quando sofre/vê alguém sofrendo uma microagressão?

2.5 Considerando microagressões contra a comunidade LGBTQ+ como ações e representações comuns e breves, podendo ser verbais, comportamentais ou ambientais, intencionais ou não, direcionados a membros da comunidade LGBTQ+ (Nadal, 2014), você considera que há algum tipo de microagressão nessa cena?

3. Depois de assistir todas as cenas:

3.1 Você acredita que a representação de microagressões em filmes e séries possui algum efeito na comunidade alvo quando essa assiste essa mídia?

3.2 Você acredita que a representação de microagressões em filmes e séries pode aumentar o número de microagressões por parte de quem está assistindo?

3.3 Você acredita existir uma diferença entre microagressões apresentadas em mídias regulares e em mídias consideradas inclusivas da comunidade LGBTQ+?

3.4 Você consegue pensar em outras séries ou filmes que demonstrem microagressões contra a comunidade LGBTQ+? Se sim, você assiste a(s) mídia(s) citada(s)? Por que?

3.5 Você percebe a ocorrência de microagressões contra a comunidade LGBTQ+ em séries e filmes que você costuma assistir?

ANEXOS

ANEXO A - Tabela 1 - Relação de idade, curso, identidade de gênero e orientação sexual de cada entrevistado

Nome fictício	Idade	Curso	Identidade de gênero	Orientação sexual
João	23	Letras	Cisgênero	Homossexual
Beatriz	23	Psicologia	Cisgênero	Bissexual
Roberta	23	Psicologia	Não-binário	Homossexual
Maurício	21	Arquitetura	Não-binário	Homossexual
Joana	23	Psicologia	Não-binário	Homossexual